REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 4, n. 2, jan-jul. 2018.
Missões

IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE FAMÍLIA

CHINESE IMMIGRANTS IN BRAZIL: HISTORY AND FAMILY MEMORIES

Elaine PereiraRocha[1]

Resumo: Este artigo discute a presença de imigrantes chineses no Brasil, a partir das memórias da família Lee/TaGein, que chegaram ao Brasil entre as décadas de 50 e 70, estabelecendo-se no estado de São Paulo. A abordagem desafia a popular representação dos imigrantes na historiografia brasileira que se concentra em estudos sobre imigrantes italianos, espanhóis, e de certa forma perifericamente nos japoneses e libaneses, negligenciou a participação de imigrantes chineses nos movimentos migratórios que marcaram a história do país a partir do último quartel do século XIX na primeira metade do século XX. Desafia ainda a ideia de importância quantitativa, que atribui aos grupos de maior expressão numérica uma importância histórica mais relevante, ao enfatizar a micro história e a importância das memórias de imigrantes para entender a composição do tecido social brasileiro. Uma breve discussão sobre a produção acadêmica sobre estes imigrantes no Brasil revela que a maioria dos estudos não estão situados na historiografia, contudo, qualquer estudo sobre a presença chinesa no Brasil tem, de alguma forma, que evidenciar a trajetória desta corrente migratória. Na história, a análise transnacional provou-se essencial para o entendimento dos elementos em jogo no processo migratário: a conjuntura histórica na China, no Brasil e em parte as experiências em países como os Estados Unidos, ajudam a entender o processo. No cerne, está a conexão entre as memórias familiares e a história de dois países: a China e o Brasil.

Palavras-chave: Imigração; Chineses; Memórias, História Transnacional, Micro História.

Abstract: This article discusses the presence of Chinese immigrants in Brazil, based on the memories of the Lee /Ta Gein family, who arrived in Brazil between the 1950s and 1970s, and settled in the state of São Paulo. The approach challenges the popular representation of immigrants in Brazilian historiography that focuses on studies of Italian, Spanish, and somewhat peripherally in the Japanese and Lebanese immigration, neglecting the participation of Chinese immigrants in the migratory movement that marked the country's history from the last quarter of the 19th century in the first half of the 20th century. It also challenges the idea of quantitative importance, which assigns to groups of greater numerical expression a more relevant historical importance, emphasizing the micro history and the importance of the memories of immigrants to understand the composition of the Brazilian social fabric. A brief discussion of the academic production of these immigrants in Brazil reveals that most of the studies are not located in the

[1]É Bacharel e Licenciada em História pela Universidade de Taubaté (UNITAU); Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Mestre em História Cultural pela Universityof Pretoria (Africa do Sul) e Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Associada do Departamento de História e Filosofia da Universityofthe West Indies (UWI), Campus Cave Hill, Barbados e coordenadora da área de História da América Latina da UWI. E-mail: elaine.rocha@cavehill.uwi.edu

history field; however, any study of the Chinese presence in Brazil has in any way to show the trajectory of this migratory current. In history, transnational analysis has proved essential for understanding the elements at play in the migratory process: the historical conjuncture in China, Brazil, and in part the experiences in countries such as the United States, help to understand the process. At the core is the connection between family memories and the history of two countries: China and Brazil.

Keywords: Immigration, Chinese, Memory, Transnational History, Micro History.

RELATOS INICIAIS

Eu encontrei pela primeira vez referências ao imigrante chinês como parte da do debate para a definição de uma política brasileira para a abertura do país a trabalhadores imigrantes entre os séculos XIX e XX, como personagens paralelos, quase como figurantes, no debate sobre a questão do negro e do indígena e as teorias racistas que se desenvolveram no país principalmente a partir da Primeira República (AZEVEDO, 1987; SKIDMORE,1989). Crescendo, e até mesmo em meus anos como estudante de história, só ouvimos, lemos e discutimos grupos europeus, com menção ocasional dos japoneses e quase nada em grupos provenientes do Oriente Médio. O pastel, que foi parte da minha experiência, como foi e ainda é para muitos brasileiros na região Sudeste, mas eu não tinha idéia de que o delicioso lanche saboroso foi "inventado" pelos imigrantes chineses na tentativa de adaptar sua culinária ao brasileiro gosto.

Nos anos 80, minha amiga, Eliane Aparecida Ta Gein, era filha de um imigrante chinês. Isso era algo inédito para mim. Ainda assim, no meio das muitas coisas que os jovens estão sempre ocupados, nunca houve qualquer conversa sobre as raízes étnicas ou nacionais de ninguém.[2]

Quando Boris Fausto lançou seu livro, "O Crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na década de 1930 São Paulo", este fez um considerável sucesso dentro da academia. Isso era normal para um livro de Fausto, um grande pesquisador e um dos melhores escritores da historiografia brasileira, mas o tema desta obra era diferente: apresentava negros e chineses no meio da cidade de São Paulo, em momento de grande desenvolvimento urbano eo trágico crime contra um casal chinês na última noite do carnaval de 1938, pelo qual um homem negro, funcionário do restaurante, foi condenado injustamente e preso por vários anos (FAUSTO, 2009).

[2]Agradeço a Eliane Ap. Ta Gein pela confiança, amizade e colaboração nesta pesquisa. Todos os dados referentes à família Lee/Ta Gein foram fornecidos por Eliane Ta Gein que generosamente partilhou histórias, documentos e fotografias.

O livro reconhece a longa presença de imigrantes asiáticos no Brasil, desafiando a concepção popular de que os japoneses teriam sido o primeiro grupo de imigrantes asiáticos no país. O trabalho de Bóris Fausto foi a oportunidade para entrar no assunto com minha amiga, que ofereceu mais dados sobre a presença dos chineses na cidade de São Paulo, a partir das memórias de sua família. Triste coincidência foi o fato de que o pai de Eliane estava, na ocasião, bastante doente e minha amiga lidava com a pespectiva de perder o ente amado.

Com a inevitável perda, e como forma de lidar com o luto, ela começou a "coletar" memórias, incluindo fotografias de suas irmãs, primos e outros parentes dos "velhos" do lado chinês da família. Pouco a pouco, durante o processo de reorganização da casa da família, Eliane começou a compartilhar fotos, documentos antigos, passaportes, cartas, papéis que eram testemunhos de cerca de 70 anos da história de seu pai. Foi quando este projeto começou, embora eu não estivesse ciente disso.

Quando a Associação de Estudos Latino-Americanos convocou trabalhos sobre o tema "Diálogos do Conhecimento", decidi começar um projeto de pesquisa que discutiria o lugar das memórias familiares na história da imigração chinesa para o Brasil, tendo o caso da família Lee/TaGein como o caso central para este estudo. A fonte principal seria os documentos, narrativas e fotos da família TaGein / Lee, e como os membros da família vivenciaram a vida como imigrantes em São Paulo durante a segunda metade do século XX, sua contribuição para o desenvolvimento urbano de São Paulo Paulo e as redes disponíveis que prestaram apoio aos recém-chegados.

A historiografia brasileira sobre as migrações, concentrando-se em estudos sobre imigrantes italianos, espanhóis, japoneses e libaneses, negligenciou a presença de imigrantes chineses no Brasil, como parte dos movimentos migratórios que marcaram a história do país a partir do último quartel do século XIX na primeira metade do século XX.Dois livros se destacam na produção historiográfica sobre a pesença chinesa no Brasil, o primeiro, de José Roberto Teixeira Leite,surgiu em 1992 como tese de doutorado e foi publicado como livro em 1999, “A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências na arte e na sociedade no Brasil”, na qual o autor, ainda que tivesse como objetivo o estuda da influência chinesa na arte, arquitetura e costumes, traça um importante trajeto histórico, no qual indica a presença de escravos chineses em Portugal no século XVI e no Brasil no século XVIII, ainda que em número limitado. Através de estudos da cultura, o autor atesta a presença e a influência dos chineses no Brasil. (LEITE,

1992; 1999). O segundo trabalho de grande importância é odo historiador americano Jeffrey Lesser que investiga a presença de chineses e japoneses entre os grupos de imigrantes, discutindo aspectos do debate racial no Brasil e sua influência na construção da identidade nacional. O livro, publiado nos Estados Unidos em 1999, só foi lançado no Brasil em 2015. (LESSER, 1999).

Recentemente o tema também chamou a atenção de alunos como Victor Hugo Peres (2013), que estuda a presença de trabalhadores chineses nas plantações brasileiras durante o século XIX (1814-1878). Na fundamentação de sua dissertação, apresentada como candidato a um mestrado em história, Peres argumenta que, embora o número desses imigrantes não torne a questão relevante nos estudos de imigrações no Brasil, sua presença gerou um debate que duraria décadas no cenário político, apesar de terem vindo em pequeno relativamente número quando comparado ao imigrantes portugueses, italianos e espanhóis no Brasil, ou ao número de imigrantes chineses nos Estados Unidos da América. Fora da área de história, a tese de doutorado de Wu XiaoMei, discute elementos linguísticos e culturais dos imigrantes chineses no Rio Grande do Sul, mas também apresenta uma discussão sobre a presença dos chineses entre os grupos imigrantes no Brasil (MEI, 2008).

UMA HISTÓRIA TRANSNACIONAL

Nas pesquisas de Lesser encontramos a presença de trabalhadores importados da China (Macau) no Brasil já em 1812, chegando quase ao mesmo tempo que a família real portuguesa e com apoio da monarquia. Eles foram o primeiro grupo de trabalhadores imigrantes a chegar ao Brasil, com exceção dos africanos escravizados e dos portugueses. Os chineses foram levados utilizados na construção do Jardim Botânico no Rio de Janeiro, em plantações de chá e até no trabalho nas minas.

Outros pequenos grupos de imigrantes chineses chegariam durante o século XIX, principalmente provenientes da colônia portuguesa de Macau, para trabalhar em plantações de chá no estado do Rio de Janeiro e em São Paulo, e às vezes em projetos de construção/urbanização como estradas e pontes. Mas, ao contrário dos imigrantes europeus, os chineses obtiveram pouco ou nenhum apoiodas autoridades brasileiras após a importação inicial, nas primeiras décadas do século XIX, apesar de algumas tentativas isoladas. Em 1882 foi fundada a Companhia de Comércio e Imigração Chineza, com o fim de importar esses

trabalhadores, em 1883, sem apoio e sendo alvo de grandes críticas, a companhia fechou (LESSER, 1999).

Enquanto em países como os Estados Unidos da América e nas colônias britânicas do Caribe a importação de trabalhadores chineses, chamados collies, crescia como uma opção para a crise da mão de obra a partir da abolição da escravidão, no Brasil havia – como também em outros países latino americanos, uma grande rejeição ao imigrante chinês (STEPAN, 1991). Um grande debate sobre a importação de trabalhadores imigrantes chineses para o Brasil foi parte da arena política a partir de 1860, com forte oposição da maioria dos representantes de várias províncias. Os debates e os diálogos envolvendo as questões revelam idéias sobre o racismo científico, conceitos errôneos e preconceitos contra o povo e a cultura chineses e, mesmo depois de terem sido autorizados a entrar na República brasileira desde 1892 (YIN, 2013), a falta de apoio governamental das nações brasileiras e chinesas impediu grandes ondas de imigrantes chineses de entrar no Brasil. Ainda assim, eles continuaram chegando no território brasileiro, pouco a pouco, aumentando em número durante as primeiras décadas da Revolução Comunista.

A relativa negligência da história oficial, que reluta em reconhecer a presença do imigrante chinês, condena a trajetória de milhares de famílias chinês-brasileiras à invisibilidade. Em 1975, o historiador Robert Conrad publicou um trabalho seminal na revista *InternationalMigration Review* na qual usa dados oficiais para ilustrar as idéias conflitantes em torno da importação de tais trabalhadores. De acordo com a documentação recolhida por Conrad, em 1856, por exemplo, cerca de 360 trabalhadores chineses haviam chegado legalmente no Brasil e a delegação brasileira em Londres planejava promover a migração de até 6.000 pessoas da China para o Brasil. Dado o contexto político entre atores brasileiros, britânicos e chineses nessa transação, momento em que autoridades chinesas viam com maus olhos as atividades britânicas de recrutamento no território chinês e a desconfiança desses para com os portugueses, o plano nunca se materializoun (CONRAD, 1975).

Trabalhos de pesquisa sobre o tema do imigrante chinês foram apresentados em publicações esparsas, como o trabalho de Conrad, mas ainda são de grande importância para os historiadores que querem se aventurar em pesquisas relacionadas com essa migração, enquanto outros historiadores como José Honório Rodrigues (1966) e Emília Viotti da Costa (1985) só brevemente discutiram o assunto Em suas discussões sobre o declínio da escravidão no Brasil e as políticas de importação de trabalhadores estrangeiros. De fato, Caio Prado Jr., um dos mais

importantes historiadores brasileiros, menciona apenas os imigrantes europeus em sua breve descrição da introdução de trabalhadores imigrantes na economia brasileira. (PRADO Jr., 1976) Outros autores enfatizariam questões na trajetória política brasileira ou transformações sociais sem mencionar os imigrantes chineses ou japoneses.

É principalmente quando a historiografia se volta para discutir as tensões raciais no Brasil e a influência do racismo científico sobre as políticas de imigração que podemos encontrar um tratamento mais detalhado sobre este assunto. Refiro-me às obras já mencionadas de Celia Marinho de Azevedo, que discute as representações dos negros no imaginário brasileiro e como tais representações são apresentadas nos discursos políticos, nas políticas migratórias e trabalhistas e no debate geral que envolveu a abolição da escravidão no Brasil. Azevedo utiliza documentação oficial para discutir como os chineses e os africanos eram os imigrantes mais rejeitados (AZEVEDO, 1987). Na mesma linha, Thomas Skidmore, discute idéias sobre raça no Brasil de 1865 a 1930. Sua análise passa pela idéia de identidade nacional e raça, examinando como essas ideologias se refletiriam na legislação e até mesmo na diplomacia no Brasil(SKIDMORE, 1989).

Internacionalmente, é importante mencionar o trabalho de Mae Ngai sobre a emigração chinesa para os Estados Unidos e sua proposta de estudar a questão através da abordagem da história transnacional. Ngai também examina as experiências dos imigrantes naquele país sob a perspectiva de tensões e interações raciais que se estenderiam além dos chineses e que usariam métodos da história social e cultural. Mas é sua discussão sobre a elaboração (e reelaboração) da identidade nacional nas vidas das famílias imigrantes e em suas representações na sociedade que é importante para este artigo (NGAI, 2012).

A história transnacional, como explica PatriciaSeed (2006), tem se mostrado útil na análise da história da imigração, pois estuda a dinâmica eo impacto da migração nos pontos de partida e de chegada. Mais do que isso, ajuda a compreender as causas da emigração e as consequências da entrada de imigrantes no território de acolhimento. No caso do imigrante chinês no Brasil, é necessário investigar as condições históricas deste fenômeno sob uma perspectiva mais ampla, que aborde, por exemplo, as políticas de dominação portuguesa no oriente durante o século XVI que contribuiram para a imortação de escravos chineses e japoneses para Portugal e por extensão para o Brasil, ao mesmo tempo em que é necessário entender a posição da Igreja Católica neste contexto, e sua visão sobre as condições em que indivíduos poderiam ou não ser

escravizados. Não menos importante é entender as circunstâncias dentro do território chinês e como a população atingida por este comércio de escravos interagiu com os portugueses.

Para a segunda metade do século XIX, sabe-se da agressiva política britânica na China e dos efeitos da Guerra do Ópio (1839-1860), do imperialismo britânico e dos distúrbios armados que seguiram à Guerra dos Boxers, entre 1899 e 1901. Tais eventos criaram uma situação de instabilidade política, econômica e social, da qual os britânicos tiraram grande vantagem, passando a desenvolver o tráfico de trabalhadores chineses para as Américas, após o declínio e abolição do tráfico de africanos. Autores como Gordon Kerr (2013) e John Keay (2009), referem-se à grande oposição interna que o tráfico de chineses enfrentou neste período.

Esta pesquisa combina o que pode ser considerado como micro-história, uma vez que se concentra principalmente na história de uma família, com uma história transnacional que analisa os processos e eventos políticos, econômicos e sociais que causaram a emigração da China, o político, econômico E contexto social que permitiu a chegada dos imigrantes e sua inserção na sociedade brasileira, bem como outros fatores externos que ocorreram na Inglaterra, Estados Unidos, Peru e Portugal e que estão diretamente relacionados à imigração chinesa para as Américas.

Outro tema a ser considerado neste estudo é a extensão do período a ser estudado para se entender esse fenômeno. Embora a história da família TaGein no Brasil esteja inserida nos últimos sessenta anos, para entender a dinâmica que influenciou a emigração chinesa e a adaptação dos imigrantes chineses no Brasil, é importante revisar a história das migrações internacionais e Particularmente da China e do Brasil desde o século XIX até o último quarto do século XX.

O corpus da documentação utilizada para este estudo é composto por registros pessoais, documentos e fotografias, somados às narrativas e ao que pode ser chamado de "história da família", combinado com o uso de bibliografia e alguns documentos oficiais. Há, é claro, grandes desafios no uso dessas fontes, o principal foi o silêncio dos sujeitos. O silêncio em torno das narrativas dos imigrantes, como observou Marie Saccomando Copolla, faz parte da tradição cultural e visa proteger o imigrante da aplicação da lei e da acusação. Funciona em casos de violação da lei, imigrantes ilegais ou atos de violência cometidos dentro da família ou da comunidade imigrante. Basicamente, faz parte da proteção do imigrante contra os estrangeiros (COPOLLA, 2009).

Em resposta a muitas das minhas perguntas, sobre detalhes da trajetória da emigração e da chegada ao Brasil, minha amiga Eliane respondeu mais de uma vez: "Eles não falam sobre essas coisas." Questões como elementos da vida na China, antes da emigração foram apresentados com poucos detalhes, e nenhumainformação pode ser recolhida sobre o modo como a viagem foi organizada e paga. Então, se alguns dados foram conseguidos, quem falou? As mulheres: as esposas brasileiras desses imigrantes e as filhas que, por sua vez, aprenderam de suas mães histórias que podem ter sido ditas em meio a uma atmosfera de romance e encantamento, quando a curiosidade natural uns dos outros seria abordada com prazer.

Sobre a biografia do pai imigrante, a maioria dos dados foram lembrados como memórias da narrativa da mãe, brasileira: Lee TaGein veio do campo, camponeses de uma aldeia na província de Guangdong, no sul da China, não muito longe de Hong Kong. O passaporte antigo mostra a trajetória: de Guangdong, de alguma forma, Lee teria chegado a Hong Kong, de lá para a Johannesburg, na África do Sul e de lá para o Brasil, em 1958. "Meu pai passou quarenta dias em um navio, fugindo da guerra". Mas que guerra? A pesquisa mostraria que, em 1958, a única "guerra" que estava acontecendo na China foram os distúrbios internos causados pelas políticas de Mao TseTung que intensificaram a crise econômica e a fome na China.

Os anos que se seguiram à derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, inauguraram um longo período de turbulências que levou à Guerra Civil na China. O país, dominado pelos japoneses entre 1937 e 1945, já vinha sofrendo uma exaustão de recursos e o declínio na produção agrícola e na economia em geral. A liberação encontrou o país dividido e o exército desorganizado, co o poder central enfraquecido. Os comunistas, que já marcavam presença no cenário político desde as primeiras décadas do século XX, regorganizaram-se rapidamente e a proposta de reforma agrária e de uma sociedade sem classes mostrou-se atraente para a população empobrecida. Os comunistas dominaram o país completamente em 1949 e iniciaram a reorganização total, caracterizada pela tomada das propriedades privadas, estatização da economia e perseguição política de fazendeiros, políticos, empresários, filósofos e intelectuais.

De acordo com Wu ChiaoMei, a entrada de chineses no Brasil, que havia diminuido consideravelmente durante a Primeira República, sofre um aumento a partir de 1949:

> Passado um longo período, a imigração chinesa voltou a crescer, a partir de 1949, devido à instituição do socialismo na China, após sua independência. Com isso, uma boa parte dos chineses mudou-se para Taiwan. Dali, taiwaneses começaram a buscar um novo ambiente estrangeiro para viver, o Brasil foi um dos locais prediletos desses imigrantes.
>
> Elaine Pereira Rocha

> Assim, iniciou-se o segundo período de grande imigração de chineses ao Brasil, quando muitos taiwaneses vieram para cá. Essa nova leva de imigrantes era integrada por chineses mais qualificados em termos de mão-de-obra do que seus antepassados. Alguns continuaram trabalhando na agricultura, outros dedicaram-se a atividades da área urbana. Dedicaram-se ao comércio e fundaram pequenos bazares, bares, restaurantes, pastelarias, além de atuar como profissionais liberais (MEI, 2008, p. 14).

A tese de Mei, sobre a diminuição no número de imigrantes chegados da China para as primeiras décadas do século XX não foram apresentados com base em estatísticas de imigração, portanto não se pode afirmar se este teria sido o caso, e mesmo se, havendo a diminuição nessa imigração por conta de legislação inibidora, quais seriam os números para as entradas entre 1900 e 1949. Entendo que um queda nas entradas entre 1939 e 1940 poderia ser explicada pelo estado de guerra em que o mundo se encontrava e em particular pela situação da China, dominada pelos japoneses.

Bóris Fausto, estuda um crime ocorrido durante o carnaval de 1938, no qual o casal chinês assassinado era formado por Ho-Fung, que entrou no país em 1926, vindo da China e sua esposa Maria AkiauChing “era brasileira, filha de chineses que tinham morado inicialmente no Rio de Janeiro, depois em Araraquara, no interior do estado, transferindo-se por fim para a capital paulistana em 1932”. (FAUSTO, 2009, p. 23). Portanto, a presença chinesa no Brasil parece continuar crescendo apesar da escassez das fontes.

A FAMILIA LEE/TAGEIN NO BRASIL

Em 1958, ano em que Lee TaGein partiu para o Brasil, a China iniciava a política que Mao Tse-Tung chamou de “ O Grande Salto Para a Frente”, que intencionava dobrar a produção de grãos e de aço do país, mas que resultou num grande desastre econômico e ambiental, que levou milhares de pessoas à fome. Sob a pressão de cumprir as metas de produçãp irrealistas do governo, muitos camponeses enfrentaram punições físicas. Seria esta a guerra da qual o jovem TaGein estava fugindo?

Onde ele teria conseguido dinheiro para viajar? Como isso seria possível naquele contexto econômico? Segundo Eliane: "As tias dizem que meu avô mandou o dinheiro para meu pai, com o apoio da Associação Chinesa em São Paulo, que deu ao avô um empréstimo". De acordo com as narrativas familiares, em 1958, o avô já era dono de um restaurante e um importante membro da comunidade chinesa da cidade de São Paulo. A família afirma que Lee YiuZung chegou ao

Brasil por volta de 1954, deixando para trás sua esposa e cinco filhos, três meninos e duas meninas. Neste período, os comunistas avançavam na tomada e redistribuição de terras. Havia violenta repressão daqueles que resistiam e, ao meso tempo uma grande crise econômica, causada pela falta de recursos para investir na produção rural. Então, como Lee YiuZung teria viajado?

Aí a história apresenta duas versões: a primeira, repetida em família: diz que a viagem dele foi financiada pelo seu pai, que também tinha um restaurante no Brasil e mandou buscá-lo. A outra, de uma tia mais velha, diz que: aquele homeme que mandou a passagem não era o "pai de verdade".

O nome do pai de Lee YiuZung, de acordo com os documentos, era Zhu Wen, o que revela a possibilidade de este ser um caso de "filho de papel". O "filho de papel" era uma estratégia usada pelos imigrantes chineses nos Estados Unidos (e possivelmente no Brasil) para pedir permissão para trazer outra pessoa sob o pretexto de ser filho, quando na verdade eles estavam importando mão-de-obra barata para seus negócios (Chin, 2000). Zhu Wen era dono de uma pastelaria em São Paulo, outro dado que reforça esta hipótese é o fato de que a família não possui nada sobre ele, exceto pelo nome. Não há fotos, documentos ou mesmo histórias sobre esse homem.

As histórias, documentos oficiais e bibliografia refletem a existência de uma comunidade chinesa dedicada ao comércio de alimentos em São Paulo, mas também a serviços como lavanderia comercial. Ele também mostra que a maioria das transações, incluindo recursos financeiros para a imigração, empresas de partida, e realização de casamentos e funerais, foram realizadas através da Associação Chinesa e através de laços familiares.

Quanto à Associação Chinesa, esta parece ser uma instituição muito antiga, ainda que o nome oficial pareça ser Centro Social Chinês de São Paulo (nas conversas, o nome indicado foi Associação Chinesa). Seu objetivo seria promover aspectos culturais, mas prioritariamente, dar apoio à comunidade imigrante. A Associação (ou Centro) tem apoiado imigrantes na busca de emprego, moradia, relações de trabalho e comércio, e nas despesas e trâmites relacionados à morte, casamento, e legalização do status de imigrante. Fausto (2009), refere-se à Tong, dennciada pelo jornal A Platéia, em 1940, como um tipo de máfia chinesa que estaria responsável pela entrada ilegal de chineses no Brasil. Eliane TaGein procurou o Centro Cultural Chinês de São Paulo em busca de informações para a entrada de seu pai e avô, mas encontrou uma barreira

de silêncio em torno do assunto. Mais uma vez, a questão do silêncio como proteção para o imigrante e, neste caso, para a comunidade imigrante, se apresenta.

Outro desafio é a variação dos nomes de família. Na tradição chinesa, o nome de família vem antes do nome pessoal. No entanto, uma vez no Brasil, as autoridades considerariam o nome da família como o primeiro nome e o nome pessoal como sobrenome. Alguns dos imigrantes insistem e têm este problema corrigido, outros não. Assim, alguns dos membros da família são Lee outros são TaGein. E há também o erro ortográfico dos nomes traduzidos de cantonês ou mandarim para o inglês e, em seguida, para o português. Segundo um funcionário do Itamaraty, alguns imigrantes ilegais aparentemente aproveitam esta confusão para se reinventarem, mas para pesquisas históricas poderia causar enormes problemas na busca de documentos oficiais.

QUESTÕES DE GÊNERO E NACIONALIDADE

O fato de que a maioria dos imigrantes era do sexo masculino, e que levar uma família inteira da China levaria muito dinheiro, explica o casamento entre homens chineses e mulheres brasileiras. Eliane diz que só um de seus tios conseguiu trazer uma esposa da China, e que isso se deu já na década de 1980, o casamento foi comemorado grandiosamente, um fato atribuído ao estado econômico do noivo.

Lee YiuZung conseguiu trazer seus três filhos da China, mas nenhuma tentativa foi feita para trazer sua esposa e filhas, embora mantivessem contato através de cartas e fotos. O status inferior das mulheres na sociedade chinesa, especialmente antes dos anos 80, é reconhecido pela bibliografia. Lee YiuZung voltou a se casar em 1961 com DeolinaZungcom uma moça brasileira cujo retrato revela sua beleza. Tiveram três filhos, dois meninos e uma menina, que morreu em uma idade nova. A morte da menina é lembrada pelas mulheres da família como um dos eventos mais trágicos e que mostra um aspecto bastante cruel da cultura chinesa: como o pai não mostrou grande tristeza pela perda de sua filha, dizendo que não importava muito, ela era "apenas uma menina". Como resultado de um estado de profunda depressão emocional Deolinda Zung foi cometida a um asilo por cerca de oito anos.

A tragédia também atingiu a família quando, a esposa brasileira de Lee TaGein e mãe de suas três meninas morreu muito jovem de câncer. Documentação sobre o caso mostra que a

Centro Social Chinês de São Paulo ajudou com os arranjos funerários e até mesmo em encontrar um lugar no cemitério.

Ao contrário de seu pai, Lee TaGein decidiu abraçar suas responsabilidades parentais e criar suas meninas sozinho, apesar dos apelos da família brasileira da falecida, que estava disposta a recebê-las. Por outro lado, seguindo a tradiç~ao chinesa de que o filho deve cuidar do pai, Lee TaGein acolheu seu pai, que então havia se separado da esposa brasileira, e também recebeu em sua casa seus irmãos: Lee Ta Fui e Lee TaYee, que acabavam de chegar da China.

A situação criou um problema na dinâmica familiar, pois as crianças não falavam a língua paterna, o cantonês; A razão dada é que num ambiente de trabalho intenso, como no negócio de restaurante, havia pouco tempo para recreação e para a interação entre pai e filhas que resultariam na transmissão da língua. Além disso, devido ao status ainda mais baixo das mulheres em famílias chinesas, além de seu pai, os tios e o avô raramente falava com as meninas, que consideravam ainda mais inferiores, por serem apenas “meio-chinesas”, referindo-se à mestiçagem. De acordo com Eliane, avô e tios humilhariam as meninas chamando-as de "rakui" (cachorro) ou "Pala Gen" (brasileira); o pai, ainda que discordasse do tratamento, não contradizia seu próprio pai, por questões de respeito familiar, e da mesma forma não desafiava os irmãos a mudar seu comportamento.

Assim, as três meninas cresceram em meio a homens chineses que as desprezavam, e com um pai dedicado, que mesmo tendo enviuvado muito jovem não se casou novamente e fez o possível para das às filhas uma boa educação e uma vida confortável, mesmo que em meio a farinhas, panelas e balcões de pastelaria, negócio da família.

No caso da geração sino-brasileira, a questão da identidade nacional levanta o problema da adaptação e das culturas que se combinam, afetando suas experiências pessoais e a forma como os outsiders as classificariam. Estudos de geração apontam para mudanças na comunidade no Brasil, como é para a sociedade chinesa, mas de uma maneira diferente, especialmente se considerarmos a geração meio-chinesa e a seguinte.

Gostaria de estender esse argumento acrescentando o que foi observado por Ngai, que a história transnacional é útil para entender o processo de mudança da identidade nacional para o imigrante (mesmo quando ele mantém oficialmente uma nacionalidade original) e para a próxima geração. A adaptação e a relação desses com a identidade nacional é influenciada pelas relações entre pais imigrantes e filhos nascidos no pais acolhedor, às vezes também em relação com a

comunidade que os cerca e as pressões culturais. As filhas de Lee TaGein não aprenderam a língua paterna, ainda que se mantivessem muito próximas ao pai e mantenham contato com o "lado chinês"da família.

No centro da proposta para este estudo está o debate sobre as tensões entre história e memória e como documentos pessoais de pessoas comuns podem contribuir para uma visão mais ampla e aprofundada das migrações. O projeto visa também contribuir para a diversificação da história da imigração no Brasil, acrescentando novas informações e abordagens à limitada pesquisa histórica realizada sobre a comunidade chinesa e à falta de estudos sobre essa questão a partir de uma perspectiva que combine história familiar e história transnacional.

Os diálogos de saberes, entre a historiadora e a família, também propõe a colaboração entre duas formas de narrativa histórica e mesmo de composição entre a memória individual/familiar e a historiografia. Partindo-se da proposta inicial de se "decifrar" a trajetória de Lee TaGein, houve a necessidade de combinar o repositório familiar oral, pictográfico e documental, com a produção historiográfica sobre o Brasil e a China. No cerne da pesquisa encontra-se a dedicação de uma filha em reencontrar na história a estória de seu pai. Para a historiadora, a possibilidade de reconhecimento da grandiosidade do que um dia foi chamado micro-história.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Celia M., **Onda negra, medo branco:** o negro no imaginário das elites século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAYLY, Beckertconnely, HOFMEYER, KozolandSEED. AHA Conversation on Transnational History, **The American Historical Review**, v.111, n. 5, 2006, pp. 1441–1464

CHIN, Tung. **Paper Son**: One Man's Story. Philadelphia: Temple University Press, 2000.

CONRAD, Robert. "The planter class and the debate over Chinese immigration to Brazil 1850-1893", **International Migration Review,** v.9 (1), 1975, pp. 41-55.

COPOLLA, Marie Saccomando. Breaking the code of silence: women to women, in Luisa Del Giudice (ed.) **Oral History, oral cultures and Italian Americans.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 55-67.

FAUSTO, Bóris. **O crime do restaurante chinês:** carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A China no Brasil.** influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras. Doutorado, Instituto de Artes, UNICAMP, 1992.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A China no Brasil.** influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras.Campinas: UNICAMP, 1999.

KERR, Gordon. **A short history of China:**from ancient dynasties to economic powerhouse.Harpenden: Oldcastle Books, 2013.

KEAY, John. **China: a History.** New York: Basic Books, 2009.

LESSER, Jeffrey. **Negotiating national identity.** Immigrants, minorities, and the struggle for ethnicity in Brazil. Durham, Duke University Press, 1999.

MEI, Wu Xiao. **Linguagem, interação social e cultura:** alternância de código chinês-português por imigrantes chineses no Rio Grande do Sul. Mestrado. Letras, Universidade de Caxias do Sul, 2007.

NGAI, Mae. Promisesandperilsoftransnationalhistory. **Perspectives onHistory**, December 2012. https://www.historians.org/publications-and-directories/perspectives-on-history/december-2012/the-future-of-the-discipline/promises-and-perils-of-transnational-history Acesso em 23/09/2016.

PERES, Victor H.Os "Chins" nas Sociedades Tropicais de Plantação Estudo das propostas de importação de trabalhadores chineses sob contrato e suas experiências de trabalho e vida no Brasil (1814 - 1878).**Mestrado. Departamento de História,** Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

PRADO JR., Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

RODRIGUES, José Honório. Brasil e Extremo Oriente. In: RODRIGUES, José Honório.**Interesse nacional e política externa.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, pp. 108-154.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no Branco.** Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

STEPAN, Nancy Leys. **The hour of Eugenics:** race gender and nation in Latin America. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

VIOTTI DA COSTA, Emília. **The Brazilian Empire:**myths and histories. Chicago: Chicago University Press, 1985.

YIN, Bi Meng. Imigração chinesa em São Paulo e seu português falado – Interlíngua e marcadores discursivos.**Mestrado.Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas,** Universidade de São Paulo, 2013.